

RODRIGO SOUZA DE JESUS

**“JORNALISMO POLICIAL NA RÁDIO ITATIAIA”**

Uma análise das rotinas produtivas do programa *Itatiaia Patrulha*

Belo Horizonte  
2006

RODRIGO SOUZA DE JESUS

**“JORNALISMO POLICIAL NA RÁDIO ITATIAIA”**

Uma análise das rotinas produtivas do programa *Itatiaia Patrulha*

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, do Departamento de Ciências da Comunicação do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em jornalismo.

Orientadora: Professora Tacyana Arce

Belo Horizonte  
2006

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>1 JORNALISMO POLICIAL NO RÁDIO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Breve histórico do rádio no Brasil .....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Jornalismo Policial Radiofônico.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2.1 O Programa Gil Gomes.....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 Mídia e Violência .....</b>	<b>20</b>
<b>2 A PRODUÇÃO DAS NOTÍCIAS .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 As Notícias.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1.1 Os valores/notícia.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1.2 Critérios de Noticiabilidade.....</b>	<b>27</b>
<b>2.2 Rotinas de Produção.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2.1 Seleção e Apresentação das Notícias.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2.2 Fontes.....</b>	<b>33</b>
<b>2.3 A pulsão pela morte como valor-notícia.....</b>	<b>35</b>
<b>3 ITATIAIA PATRULHA: UM ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>39</b>
<b>3.1 Metodologia.....</b>	<b>40</b>
<b>3.2 Análise das rotinas de produção no Itatiaia Patrulha.....</b>	<b>42</b>
<b>3.2.1 Apuração das notícias .....</b>	<b>42</b>
<b>3.2.2 Critérios de noticiabilidade do Itatiaia Patrulha.....</b>	<b>44</b>
<b>3.3 Análise do Produto .....</b>	<b>48</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>62</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção da notícia no programa *Itatiaia Patrulha*, da Rádio Itatiaia. Trata-se de um programa policial que está no ar desde o dia 5 de julho de 1975 e tem como foco principal a veiculação de notícias de cunho policial que envolvem crimes passionais, tragédias da vida pessoal, enchentes, desabamentos, seqüestros relâmpagos, assaltos, homicídios, latrocínios e demais ocorrências policiais em geral. Toda e qualquer informação jornalística, antes de ser veiculada, seja pela mídia impressa ou eletrônica, precisa, antes de tudo, passar por um processo de apuração e checagem de veracidade. A existência das fontes é outro item de suma importância no jornalismo, pois, além de dar uma maior credibilidade ao programa, a matéria se torna interessante, criando no ouvinte, telespectador ou leitor, uma identificação com o personagem da história.

A grande inserção da Rádio Itatiaia em Belo Horizonte e no estado de Minas Gerais remete à discussão sobre o poder que o rádio exerce ainda como veículo de comunicação de massa, mesmo frente à concorrência da televisão e de novas mídias como a internet. O grande momento do rádio foi ofuscado pelo surgimento da TV na década de 50 e quase toda sua programação artística foi transferida para o novo e moderno veículo de comunicação. As novas tecnologias introduzidas tanto no cenário nacional quanto no internacional permitiram ao rádio desenvolver-se juntamente com seus concorrentes e trouxeram, para todos os veículos de comunicação, vantagens como uma maior rapidez na propagação das informações e um maior alcance, e desvantagens como o aumento do número de demissões. Apesar de não deter o poder da imagem, o rádio é um veículo que tem uma alta credibilidade, um público fiel e linguagem própria, o que o torna único e imortal.

As razões que me levaram a tratar do jornalismo policial foram várias. Primeiramente, a afinidade que tenho com o tema é grande e esse é o principal motivo que me levou a escrever minha monografia. Um outro motivo que me incentivou a desenvolver esse trabalho é meu grande sonho de atuar como jornalista policial. Tenho muito interesse na rotina desses profissionais e, principalmente, nos desafios enfrentados por eles diariamente. Apesar de ser um tema que já foi tratado anteriormente por outros alunos, acredito que essa monografia tenha certa relevância acadêmica por se tratar de um assunto que cada vez mais cresce na mídia, atrai um grande público e aborda a opinião de conceituados teóricos da comunicação. A questão da violência, cada vez mais próxima de nossos lares e das pessoas de nosso convívio, o sensacionalismo dos meios de comunicação e, principalmente, aquele “gosto” que o ser humano tem por acontecimentos ligados à morte ou à violência me incentivaram a desenvolver um trabalho desse gênero.

No primeiro capítulo dessa monografia será feito um breve histórico do rádio brasileiro, que teve como seu grande precursor o padre e cientista Roberto Landell de Moura. É abordado também um pouco da história do jornalismo policial radiofônico, cujo surgimento se deu na década de 50 e até hoje vigora a todo vapor como um dos gêneros que gera mais audiência no jornalismo. Um breve relato sobre o programa Gil Gomes, que era líder de audiência em seu horário, e a questão de como se articula o discurso entre mídia e violência são tratados no final do capítulo. A necessidade de dedicar um capítulo teórico ao jornalismo policial radiofônico é grande, pois tem uma relação direta com o *Itatiaia Patrulha*, que aborda a questão da violência e faz parte de um veículo de comunicação muito presente na vida das pessoas

Já no segundo capítulo abordam-se assuntos relacionados a rotinas de produção em um programa jornalístico. Tudo o que se refere a esse item foi tratado minuciosamente, pois o foco principal desse trabalho refere-se à produção do noticiário e nisso estão implícitos os critérios de

noticiabilidade, as rotinas de produção de um modo geral, bem como a seleção e apresentação das notícias e a relação do jornalista com as fontes de informação. É abordada também nesse capítulo a questão da pulsão de morte, algo latente do ser humano, como valor notícia e o sensacionalismo, tão comum e ao mesmo tempo de suma importância para esse gênero. Todo o assunto tratado nesse capítulo tem grande relevância com o objeto de estudo dessa monografia e com o jornalismo de um modo geral. As rotinas de produção podem ser consideradas, segundo Wolf (1999), a base do jornalismo como um todo e o fato de não descrevê-las não faria sentido algum no contexto da profissão. O conhecimento de todas as suas fases é bastante válido, tanto para o aprendizado quanto para um melhor aperfeiçoamento de quem já atua na área.

Por fim, o terceiro e último capítulo traz um estudo de caso sobre a construção da notícia no programa *Itatiaia Patrulha*. Para uma melhor compreensão, foi necessário acompanhar toda a rotina de produção do programa nos dias 17 e 18 de outubro de 2006 em que foram observados a apuração das notícias e denúncias, o contato com as fontes, o ritmo de trabalho em uma redação de um grande veículo de comunicação, os critérios de noticiabilidade adotados pelo *Itatiaia Patrulha*, bem como a edição do noticiário jornalístico. O acompanhamento foi em horário integral e durou até o final das edições dos dias anteriormente citados. Tudo o que foi estudado nos capítulos teóricos desse trabalho e no decorrer do curso foi verificado na observação não participante que foi de extrema valia, pois me permitiu presenciar toda a teoria aprendida.

Foi necessário realizar uma entrevista do tipo pingue-pongue com o apresentador do programa, Laudívio Carvalho, em que são tratados assuntos relacionados a rotinas de produção em geral.

Toda a análise foi feita com base nos principais teóricos da comunicação estudados nos capítulos 1 e 2 dessa monografia. Tudo o que foi observado, constatado e verificado está com base nos autores estudados ao longo do curso, mas especificamente nos que abordam assuntos

relacionados a rotinas de produção jornalística em um programa de rádio. Foi feita uma mesclagem do estudo das rotinas de produção de um modo geral, com uma observação de todo seu funcionamento em um programa policial radiofônico.

## 1 JORNALISMO POLICIAL NO RÁDIO

No dia 3 de março de 2006, o programa *Itatiaia Patrulha* foi ao ar, como de costume, desde 1975, às 17h05min, com a apresentação de Laudívio Carvalho e começou destacando as seguintes manchetes: “Polícia civil aplica violento golpe no tráfico de drogas em Minas”, seguido de uma pequena parte da entrevista do principal acusado. A segunda manchete foi exclusiva: “Sargento da polícia militar mata um tenente dentro do quartel no norte de Minas”. Um dos repórteres do programa, Eustáquio Ramos, estava na cidade onde o crime aconteceu e narrou o fato, ao vivo, do local, com toda exclusividade.

Pode-se perceber um certo tom de sensacionalismo do narrador em primeiras manchetes que tratam exclusivamente de violência. Fica claro que o foco principal do programa é esse e que até mesmo os repórteres agem dessa forma. O programa é bastante dinâmico e tanto o apresentador quanto os repórteres realizam entrevistas com acusados e vítimas tentando obter o máximo de informações, transformando-as de forma que o ouvinte se interesse pelo assunto.

Nota-se, no decorrer do programa, que o noticiário é variado. Assuntos que envolvem manifestações públicas, congestionamentos no trânsito, prisões em flagrante, roubos ou pequenos furtos e até mesmo brigas corriqueiras não são descartados. O *Itatiaia Patrulha* conta com três repórteres espalhados pela capital que dão as notícias e realizam entrevistas ao vivo. Os serviços de utilidade pública também estão presentes no programa como as notícias do trânsito naquele momento, por exemplo.

O *Itatiaia Patrulha* tem um repórter exclusivo que transmite as notícias policiais da capital carioca, sempre ao vivo. Tal estratégia se deve ao fato do Rio de Janeiro ser uma das capitais mais violentas do país, com altos índices de homicídios e tráfico de drogas.

No final do programa, o apresentador Laudívio Carvalho deu a seguinte manchete sobre um assassinato: “Um homem foi morto em plena luz do dia no bairro Paraíso. Enfumaçaram o paraíso. Bagunçaram o paraíso hoje.” O sensacionalismo em transmitir uma notícia como essa é grande, mas é algo que gera audiência, faz parte do jornalismo policial e acaba sendo necessário. Além disso, as pessoas associam notícias policiais, principalmente as que envolvem violência, com aquela sensação, comum a todo ser humano.

Tal explanação do programa faz-se necessária porque é interessante tomar conhecimento do principal foco de análise desse trabalho que é o *Itatiaia Patrulha*, conhecer o que são notícias policiais e, acima de tudo, descrever toda a rotina produtiva de um programa policial.

O principal objetivo é analisar todo o contexto das rotinas de produção em um programa policial radiofônico, ou seja, desde a apuração/ filtro das notícias até a edição final que irá ao ar. A importância em dedicar esse capítulo a discutir o jornalismo policial é grande, tendo em vista que notícias de caráter policial afetam, de uma certa forma, todas as pessoas de qualquer classe social. Questões que envolvem violência abrem um amplo horizonte que nos permite investigar que tipo de mundo simbólico é construído e como são as rotinas de produção de um programa desse gênero já que está sendo analisado um programa que tem altos índices de audiência.

Segundo dados do IBOPE fornecidos pela própria rádio, o programa *Itatiaia Patrulha* é líder de audiência em seu horário e detém uma participação de 20% do mercado de rádio em seu horário. O programa tem uma média de público de 150 mil pessoas, sendo 93 mil homens e 57 mil mulheres. A maioria dos ouvintes é pertencente à classe C (65 mil). Os homens são a maior parte dos ouvintes do *Itatiaia Patrulha*. São 60% homens e 40% mulheres com média de idade entre 30 e 60 anos. A maioria desse público situa-se na zona norte (22%) e na periferia da capital (28%).

Esse é um dos motivos que leva o rádio a ser considerado, dentre os meios de comunicação, o de maior alcance popular e a cada dia, reafirma sua condição de um veículo indispensável na vida das pessoas. Graças a sua flexibilidade, o rádio se expande cada vez mais, alcançando as mais variadas camadas da sociedade. Tal expansão deve-se a vários fatores, dentre eles, o desenvolvimento tecnológico que permite atingir as mais longínquas distâncias e alcançar públicos com os mais variados perfis. É importante salientar que não interessa o tipo de classe social a que uma determinada pessoa pertença, o rádio sempre estará presente em seu cotidiano, seja entretendo ou informando.

### **1.1 Breve histórico do rádio no Brasil**

Em 1893, o padre, cientista e engenheiro gaúcho Roberto Landell de Moura testou a primeira transmissão de fala por ondas eletromagnéticas, sem fio. No início do século XX, até meados de 1920, vários testes ainda em caráter experimental eram realizados. O precursor do princípio da propagação radiofônica foi o alemão Henrich Rudolph Hertz que usou a teoria de como a eletricidade se propagava sobre a forma de vibração ondulatória.

Segundo o autor Milton Jung (2005), o mérito de Landell só foi reconhecido após sua morte, em 1928. O italiano Guglielmo Marconi, que tinha uma grande visão empreendedora, patenteou sua descoberta em 1896, já que percebeu, segundo o autor, vários inventos que já eram patenteados e uma grande possibilidade de desenvolvimento de novos aparelhos mais potentes e eficazes. Mas o nome de Marconi como inventor do rádio é contestado até hoje, apesar do italiano ter uma enorme contribuição e grandes méritos.

Em 1922, o professor Roquette Pinto, após ouvir o discurso do então Presidente da República, Epitácio Pessoa, em virtude da comemoração dos 100 anos da Independência do

Brasil, gostou tanto da nova tecnologia, apesar do som de baixa qualidade, que resolveu criar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Nesse ano, foi realizada a primeira transmissão radiofônica oficial brasileira. Segundo Jung (2005), a rádio tinha transmissões esporádicas e todo o noticiário era retirado dos jornais impressos.

Nos anos 20, o rádio funcionava sem fins comerciais. A publicidade ainda não existia, só surgiu em 1927. Nessa época, segundo o autor, as rádios tinham programação elitista e raio de alcance limitado. Eram organizadas por pessoas da alta burguesia, que além de sustentarem as emissoras, forneciam suas coleções de discos, geralmente de música clássica.

Nos anos 30, surge a Rádio Nacional, no Rio de Janeiro. Ela se tornou um marco na história do rádio, com seus programas de auditório, suas comédias e suas radionovelas. Entre o final dos anos 30 e a primeira metade dos anos 50, essa rádio foi uma das líderes de audiência, exportando toda sua programação para outras cidades brasileiras. Segundo o autor, nessa década surge o programa “A Voz do Brasil”, criado pelo governo Vargas e transmitido até hoje para todo o país. Em 1938, é realizada a primeira transmissão esportiva em rede nacional de rádio.

Na década de 40, surge o Repórter Esso, patrocinado pela famosa companhia de combustíveis que lhe emprestava o nome. Segundo Jung (2005), as notícias eram redigidas por uma agência de informação norte-americana e traduzidas para o português pela equipe do informativo. Era o principal veículo de informação sobre os fatos internacionais, sobretudo da Segunda Guerra Mundial.

Nos anos 50, com o surgimento da televisão no Brasil, havia quem acreditasse na provável extinção do rádio, o que não ocorreu. Mas o rádio foi obrigado a se transformar para sobreviver à nova mídia. Aos poucos, o formato dos programas de auditório e das radionovelas

migraram do rádio para a TV. Explorando novos formatos, surgem as primeiras transmissões de radiojornalismo. As transmissões esportivas, que haviam aparecido nos anos 30, multiplicaram-se e ganharam mais popularidade. A Rádio Continental de São Paulo foi uma das pioneiras na reportagem de rua.

Nos anos 60, segundo o autor, o rádio assume as características atuais. No lugar dos programas de auditório, aparecem programas de variedades. Também se popularizam os programas esportivos e os programas policiais, como o famoso "Cidade contra o crime", da Super Rádio Tupi, apresentado por Samuel Correia. A programação jornalística ganha mais espaço, com mais ênfase na reportagem de rua, que tinha a intenção de oferecer ao ouvinte a informação certa e rápida.

Na década de 70, surge, segundo Jung (2005), a idéia da integração em rede nacional. A Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) foi a principal responsável pelo feito, modernizando todo seu sistema e permitindo uma mesma transmissão das notícias de diferentes cidades brasileiras. Apesar da intensa massificação da televisão, a popularidade e a credibilidade do rádio continuavam intactas e o veículo ainda era bastante ouvido, principalmente pelo público jovem. Nasce a rádio FM, patrocinada pelo governo militar e destinada ao público jovem, com uma programação bastante eclética.

Nos anos 80, o rádio brasileiro tinha boa parte de sua programação dedicada à música adulta sofisticada e ao jornalismo. Essa década foi considerada o auge do radiojornalismo brasileiro. Programas policiais radiofônicos ganharam destaque, como o Programa Gil Gomes, que ficou no ar por mais de dez anos na Rádio Record, fundada na década de 30. Além dos altos índices de audiência, esse programa foi considerado um dos ícones do radiojornalismo brasileiro.

Segundo o autor, essa década foi marcada também pela chegada das redes via satélite, que mudaram o cenário radiofônico.

Nos anos 90, as redes radiofônicas se expandem pelo país. Para destacar o novo sistema de transmissão via satélite implantado na década anterior, algumas emissoras agregam ao nome o sufixo Sat. Segundo Jung (2005), o sistema de jornalismo em tempo integral foi implantado somente nessa década, graças à consolidação da Central Brasileira de Notícias, em 1991.

Em 2000, a frequência AM está no auge da discriminação. Até o público fiel a ela migrou para as rádios FM e uma revista de cunho esportivo anunciou a morte do rádio AM para as transmissões esportivas, algo que não aconteceu. Muito pelo contrário, a maioria delas são transmitidas em rádios AM, apesar de terem uma audiência pequena se comparadas com as FM's.

Apesar de oito décadas de vida, o pioneiro dos meios eletrônicos ainda paga um alto preço, pois sua evolução é mais lenta se comparada com outros meios mais recentes, como a internet, por exemplo.

## **1.2 Jornalismo Policial Radiofônico**

O jornalismo policial radiofônico teve início nos anos 50 e até hoje é considerado um dos principais marcos das emissoras. No início, segundo Lopes (1988), a maioria das notícias policiais como assaltos, roubos e seqüestros eram transmitidas através de inserções nos noticiários. Dava-se mais ênfase às notícias que abordavam política, economia ou esportes em caráter informativo. Para a transmissão do noticiário, nas emissoras mais sóbrias evitava-se, segundo a autora, um demasiado exagero e, principalmente, a distorção dos fatos. Já nas mais populares, a abordagem de um fato policial tinha tratamento diferenciado, com um certo tom

sensacionalista. Era adotada, segundo a autora, uma mesclagem de radioteatro e jornalismo que acabou sendo consagrada.

Nesse contexto, o gênero policial foi se destacando no cenário do jornalismo brasileiro penetrando, com mais intensidade, nas classes sociais de baixa renda. Tudo isso, por o rádio ser um veículo de fácil acesso, barato e que pode ser ouvido em qualquer local e que, geralmente, o ouvinte está próximo do local dos acontecimentos, o que torna a notícia ainda mais interessante.

Segundo a autora, o segredo do sucesso de um noticiário policial está, basicamente, na forma de narrar e dramatizar os próprios fatos. É tornar algo simples e comum em algo escandaloso e de proporções inimagináveis, criando um clima de suspense capaz de envolver o ouvinte na situação. Os efeitos e trilhas sonoras usadas em um programa policial contribuem em muito para esse envolvimento. Os temas devem ser contados da maneira mais simples possível e em forma de história.

Toda atenção do público é voltada para aquela manchete de impacto, feita, obviamente, de propósito, para garantir a audiência e o apelo popular. A preferência é dada às notícias policiais mais relevantes, a fim de despertar maior interesse nas pessoas. O intuito maior não é somente informar o que aconteceu, mas mostrar o possível desfecho daquele acontecimento e o trabalho da polícia. Roubos, assaltos, tráfico de drogas e homicídios encabeçam a lista das principais notícias policiais em programas radiofônicos.

Tais informações são colhidas junto às delegacias, moldadas e passadas de forma a prender a atenção do ouvinte. Lopes (1988) salienta a necessidade do cuidado que o jornalista deve ter ao transmitir o noticiário para não cometer delitos, pois matérias que envolvem violência ou algo semelhante amedrontam as pessoas e acabam por mostrar toda a vulnerabilidade da sociedade. Para a autora, a busca incessante pela notícia real, de forma clara e objetiva, é importante para toda a sociedade que necessita da informação a todo o momento. O maior intuito

do jornalismo policial, seja de rádio, TV ou jornal impresso é o caráter investigativo dos acontecimentos, algo que nem sempre acontece, pois a imprensa, de um modo geral, preocupa-se mais com a audiência do que com qualquer outra questão relacionada com a notícia.

Uma das armas utilizadas pelo jornalismo policial, segundo a autora, é o humor, que garante a credibilidade e a qualidade da informação. A autora ressalta ainda que é preciso tratar a notícia policial com isenção, sem explorar as tragédias pessoais de ambas as partes envolvidas. Notícias policiais talvez sejam uma das áreas mais complexas do jornalismo contemporâneo, pois, além de tratar da realidade na qual vivemos, envolvem sentimentos humanos e valores sociais.

Um outro importante ponto que merece ser destacado em jornalismo policial é o sensacionalismo. Segundo o autor Danilo Angrimani (1994), um programa ou um jornal sensacionalista se difere dos outros informativos por uma série de fatores, dentre os quais uma valorização da violência. Assassinatos, estupros, brigas, vinganças e demais situações conflitantes ganham destaque especial e são tratados com sensação.

A imprensa relata um acontecimento normal do cotidiano e o transforma em um fato novo, ampliando-o de tal forma que acaba por contribuir para a reprodução da violência. Segundo o autor, a prática do sensacionalismo em que o jornalismo policial radiofônico está inserido consiste, basicamente, em colocar uma “lente de aumento” em um fato corriqueiro e não necessariamente sensacional. É isso, segundo o autor, que valoriza a notícia policial.

Para Lopes (1988), a mídia não vem cumprindo sua verdadeira função, que é de levar informação e conhecimento às diferentes camadas da sociedade, além do devido esclarecimento à opinião pública. Tal fato se deve mais a questões econômicas do que a qualquer outro motivo.

Segundo a autora, a imprensa, na maioria das vezes, trata os episódios que envolvem a sociedade com certo descaso, apenas passando as informações ou ocorrências coletadas nos órgãos de segurança, sem a mínima preocupação com a sociedade em que está inserida. Os atuais programas policiais radiofônicos deveriam ter tal preocupação, principalmente se estes tiverem altos índices de audiência, como tinha o famoso Programa Gil Gomes, citado a seguir, que foi considerado um dos marcos do radiojornalismo brasileiro.

### **1.2.1 O Programa Gil Gomes**

Maria Tereza Costa (1992) faz uma ampla abordagem dos programas policiais radiofônicos, em especial, destaca um programa da Rádio Record de São Paulo, líder de audiência, que era o Programa Gil Gomes, extinto na década de 80. Uma das maiores críticas proferidas contra o programa policial radiofônico Gil Gomes e até mesmo a outros programas do gênero é a forma escandalosa e dramática com que os fatos eram narrados. Isso provocava, de uma certa forma, uma reação extremamente violenta por parte do público ouvinte.

Ainda segundo Costa (1992), atos de violência pública ocorridos na cidade de São Paulo, em meados de 1982 eram frutos do modo como esses tipos de programas influenciavam a população. Eram relatados casos como falhas policiais ou crimes que não deram em nada, o que era um incentivo à violência, já que as autoridades eram falhas, em sua maioria.

Para a autora, a grande questão reside no fato de que os meios de comunicação constituem uma poderosa força de manipulação que domina o comportamento dos indivíduos. Desde a proliferação dos veículos de comunicação de massa, na década de 30, até o advento da TV, a maioria dos estudos realizados tende a centrar suas pesquisas no processo de “produção”, apesar

de existir, segundo Costa (1992), uma pequena preocupação com o impacto das informações na população.

De acordo com a autora, Gil Gomes parece prender toda a atenção do ouvinte pela maneira com que conta um crime. O público consegue perceber as referências que o radialista faz sobre as mazelas do cotidiano e aos personagens envolvidos e esse o marco principal de seu programa. Gil Gomes baseava-se em uma redundância de adjetivos ditos em tom exaustivamente dramático tendo como pano de fundo, músicas típicas de filmes de suspense. Assim, o programa criava um ambiente diferenciado em que o crime passa ser uma coisa corriqueira da vida cotidiana e as famosas vítimas do álcool, da prostituição ou da pobreza transformam-se em histórias fantásticas.

Segundo Costa (1992), um bom jornalista policial é aquele que consegue chegar primeiro na cobertura de um fato, escrever com riqueza de detalhes uma história e tornar grande, um pequeno caso. Além desses requisitos, a capacidade que o jornalista deve ter de escrever um texto semelhante ao “discurso falado” do radialista Gil Gomes é imprescindível. Ele entrava com a locução e a dramatização o que é, sem dúvidas, o diferencial de seu programa em relação aos outros. Transformar uma simples e corriqueira ocorrência policial em um bom caso de ser narrado depende, em grande parte, da capacidade criadora e da sagacidade do jornalista para transformar o real em drama.

Segundo a autora, a trajetória do jornalista que acabava assumindo o papel de detetive não era mencionada nos textos que compõem o programa, pois, segundo o próprio Gil Gomes, não tinham a menor importância, porque a trama era apresentada de tal forma que não interessava muito ao público quem a descobriu. A exigência de uma maior rapidez na elaboração dos textos faz com que os jornalistas não tenham mais tempo de desvendar tramas ou solucionar fatos, além da alta rotatividade da equipe de produção.

De acordo com Costa (1992), o programa Gil Gomes não era um programa policial comum, pois não se limitava simplesmente a noticiar as ocorrências policiais de uma cidade, mas criava uma história e a dramatizava a partir desses crimes e dramas do cotidiano. Talvez se deva a isto, segundo a autora, o enorme fascínio que o programa exercia sobre seus ouvintes. O radialista tornava-se cúmplice na construção de um imaginário comum em que a violência e o crime extrapolavam a lei. O mundo dos personagens das histórias de Gil Gomes era pautado pela razão, ou seja, a “vontade” constitui uma das dimensões da pessoa. O “eu” é o grande vilão da história, pois é responsável por todos os seus atos sejam bons ou maus.

Segundo a autora, a instituição policial raramente era atacada pelo radialista, e os casos de corrupção policial eram tratados como casos à parte. Na maioria das vezes, a ação da polícia era louvada pelo programa, porque ela e seus métodos contribuem para manter a ordem social.

Ao ressaltar que os textos do programa possuíam lacunas, reticências na caracterização de seus personagens que não os qualificava, de imediato, de bons ou maus, a autora não descarta o caráter político ou ideológico que em estes estavam inseridos. Esse é um dos motivos, segundo a autora, que o Programa Gil Gomes se aproximava do gênero folhetim, pois os temas retratados possuíam uma eficácia simbólica quanto à apreensão e interpretação da própria realidade vivida.

Apesar da mídia, de um modo geral, mostrar a verdadeira realidade da sociedade em que vivemos, existe um tipo de violência simbólica propagada por ela própria, que traz várias conseqüências. Tal relação será tratada a seguir.

### 1.3 Mídia e Violência

Se a Psicanálise traz importantes contribuições para entender a complexidade do ser humano, tendo em vista suas pulsões de vida e de morte, como a agressividade, ela também contribui para compreender a sociedade contemporânea marcada pelo crescimento de uma nova forma de violência, a violência simbólica disseminada pelos meios de comunicação de massa. Elizabeth Rondelli (2000) relata o discurso que a mídia faz sobre a violência e, conseqüentemente, os efeitos que, em grande parte, não são bem vistos pela sociedade e somente uma pequena parcela da população é que se beneficia desse discurso.

Segundo a autora, o grande aumento da violência, principalmente dos homicídios, nos últimos vinte anos no Brasil, fez com que os noticiários, antes reduzidos a míseras colunas ou pequenas notas, ganhassem destaque de maneira generalizada em todos os veículos de comunicação. Um fato curioso destacado pela autora é que embora os praticantes e vítimas da violência pertençam, em grande parte, às camadas de menor poder aquisitivo, os crimes que ganham destaque na mídia e geram intensos debates são aqueles em que a polícia está envolvida.

Para Rondelli (2000), o aumento da violência foi acompanhado não só pela ênfase da cobertura da mídia, mas também por um intenso debate sobre a natureza e os efeitos desse aumento. No Brasil, ao contrário de países de primeiro mundo, pouco se discute sobre um tema que é de suma importância para toda a população em geral. A influência dos programas de conteúdo violento sobre os telespectadores quase não é discutida, além de existir, segundo a autora, pouquíssima pesquisa sobre o assunto.

De acordo com Elizabeth Rondelli, os crimes que geram audiência na mídia não são aqueles passionais, que envolvem pessoas famosas ou exóticas, mas aqueles que tratam de uma violência corriqueira e banalizada que, muitas vezes, é praticada por policiais de maneira ilegal

ou ilegítima. Os episódios de violência no país que ganharam destaque na mídia, além de possuírem todos os requisitos para serem fatos jornalísticos, sejam escandalosos, cruéis ou inusitados, trazem outras revelações embutidas neles e é isso que, de uma certa forma, interessa à mídia.

Para a autora, essas imagens expostas pela mídia ganham relevo e acabam fazendo parte do interesse público, porque são exibidas de tal forma que acabam servindo de parâmetro de julgamento e reflexão do caráter cultural e social de nossas práticas violentas. Tais imagens mostram, sobretudo, o lado social do Brasil, o tamanho das desigualdades sociais e estruturais que levam ao uso da arma de fogo, da força física e de outros crimes ou assassinatos brutais.

Segundo Rondelli, a violência, nesse caso, não aparece somente como agressão física, mas também como linguagem, como ato de comunicação por ser a expressão limite de pessoas que não tem com quem contar, ou seja, pessoas que deveriam ter o apoio de instituições criadas para coibir tal ato, que estão à mercê de tudo e sem nenhuma solução para seus problemas sociais. Nesses episódios diariamente acompanhados por todos, o que se expressa é uma forma de cultura política em que a prática da violência tem sido usada como recurso perante a invisibilidade das autoridades e instituições, que se negam a fazer negociações ou concessões.

Tais atos de violência, conforme argumenta Rondelli (2000), revelam não apenas o isolamento dos setores sociais responsáveis que fingem não saber de nada, mas também a incapacidade da sociedade em resolver seus conflitos. A autora afirma que a polícia, principal entidade criada para coibir a violência, pelo menos teoricamente, aparece, mesmo que de forma suspeita ou declarada, usando a violência de forma inadequada, desmedida, desproporcional. Violência esta que aparece até em capas de revistas de grande impacto.

Para Rondelli, tais práticas violentas até que são contestadas por alguns setores sociais organizados, o que aumenta a repercussão na mídia. Embora tais setores desejem a repressão e a

coibição da criminalidade e da violência, concordam que tal ação deve ser exercida somente por autoridades legais. Isso gera um paradoxo de difícil resolução. Todo ato de violência, mesmo que praticado por uma autoridade policial, requer uma justificativa plausível da vítima e o que mais que repercute na mídia é quando a polícia a utiliza de forma inadequada.

Para a autora, um outro assunto que gera muita repercussão na mídia é a assídua violência policial contra pobres, favelados e negros capaz de gerar um debate público que vai além do interesse da produção midiática. Entram em cena os famosos atores sociais que, por função das suas responsabilidades sociais, são obrigados a se pronunciarem contra esse tipo de agressão. Os meios de comunicação agem como construtores das representações sociais contra o crime, contra a violência e aquelas pessoas que fazem uso dela ilegalmente ou desordenadamente.

Segundo Rondelli (2000), o modo como a mídia narra a violência faz parte da própria realidade da violência. Todas as interpretações e os sentidos que ela injeta na sociedade fazem dela uma ponte entre todos os acontecimentos e o público. A mídia é um determinado modo de produção discursiva, com seus métodos narrativos e rotinas produtivas específicas que estabelecem sentido sobre o real e faz que as imagens e os discursos nos envolvam quase que completamente.

A partir deste olhar teórico, a autora afirma que compreender a mídia é, de uma certa forma, um estudo da violência, pois quando se espetaculariza, banaliza, sensacionaliza ou divulga os atos de violência está atribuindo sentido, tendo em vista que, ao circularem socialmente, acabam por induzir as pessoas a praticá-la.

Para a autora, a maioria dos episódios de violência que ocorrem são por questões sociais, ou seja, os atos de manifestação da violência embora decorrentes de uma força física empregada contra alguém, revelam também uma dimensão expressiva e simbólica. Na verdade, é uma diferença, conflito ou oposição que se expressa nesses atos. O poder da violência não reside

somente nas suas reais intenções práticas ou instrumentais. A intenção instrumental é um meio de se modificar o ambiente social em que vivemos. A intenção expressiva ou simbólica é um meio de se dramatizar e mostrar que as idéias sociais são importantes, o que faz os conflitos eclodir.

As imagens televisivas são as mais privilegiadas, pois além de deter o poder da imagem e ter uma maior repercussão, não apresentam aquela obscuridade que às vezes encontramos em outros meios. Sendo a mídia a principal testemunha pública dos atos de violência, ela também é palco de vários outros discursos que, através dela, passam a ser institucionalizados ou normatizados. Devido a isso, os *mass media* são considerados os produtores do consenso popular por agregarem e comporem diversos discursos e reflexões acerca da realidade social. A definição do crime não é dada somente pelos profissionais da mídia que os relatam, mas também pelas fontes de informação que aparecem nos noticiários através de um discurso direto ou indireto (RONDELLI, 2000).

Em sua análise, a autora afirma ainda que os meios de comunicação passam a ter o papel de ator social, pois, além de ser uma macrotestemunha privilegiada, expõem os acontecimentos que passam dos limites onde realmente aconteceram. A mídia seleciona, edita, classifica e opina sobre os atos de violência. Existe, evidentemente, um grande interesse dos meios de comunicação em expor tais fatos para a sociedade. Só vai para o conhecimento público algo que esteja relacionado com o propósito do meio, seja social, político ou outro qualquer.

Todo esse interesse faz parte de um processo de produção de notícias que a mídia utiliza como uma de suas principais ferramentas para manter a sociedade informada. Tudo que está relacionado a rotinas de produção jornalística será abordado no próximo capítulo.

## 2 A PRODUÇÃO DAS NOTÍCIAS

Para Traquina (1993), as notícias resultam de um processo de produção que mescla percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (acontecimento) num produto final. A questão central do campo jornalístico é saber qual ou quais acontecimentos podem virar notícia, ou seja, os critérios de noticiabilidade. O grande desafio dos profissionais da área é ter de elaborar, diariamente, um noticiário que seja suficiente para preencher todas as páginas ou o horário destinado a sua veiculação. O fator tempo é o ponto crucial para o jornalista que é obrigado a seguir um *deadline* (hora do fechamento da edição) estipulado pelo meio em que trabalha. Os critérios de noticiabilidade ajudam a nortear o trabalho do jornalista e também dependem da política empresarial da organização na qual o repórter atua.

Já para Mauro Wolf (1999), uma notícia é constituída pelo conjunto de pré-requisitos que são exigidos dos acontecimentos e são elementares para definir sua importância. Os seis pré-requisitos são: 1) ineditismo (a notícia é inédita e é mais importante do que a já publicada); 2) improbabilidade (notícia menos provável é mais importante do que aquela já esperada); 3) interesse (quanto mais pessoas possam ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é); 4) apelo (quanto maior a curiosidade que a notícia possa despertar mais importante ela é); 5) empatia (quanto mais pessoas puderem se identificar com o personagem e a situação da notícia, mais importante ela é); 6) proximidade (quanto maior a proximidade geográfica entre o fato gerador da notícia e o leitor, mais importante ela é). Tais requisitos dependem do veículo de comunicação que se trabalha e do ponto de vista profissional dos jornalistas. Tudo o que não corresponder aos critérios de noticiabilidade é literalmente excluído.

## 2.1 As Notícias

Wolf também relata que a noticiabilidade está estritamente relacionada aos processos de rotinização e de estandarização das práticas produtivas. Trata-se de receber a “matéria-prima” - que são os fatos que acontecem no mundo, alguns totalmente imprevisíveis outros que podem ser agendados - e moldá-la de forma que ela vire notícia. Para ele, essas rotinas são de suma importância para os jornalistas, pois direcionam seu trabalho para focarem naquilo que é mais relevante para o público. A noticiabilidade está ligada ao conceito de perspectiva da notícia, que é uma resposta que o veículo dá aos jornalistas sobre a execução de suas atividades, ou seja, a publicação do mais importante.

Quanto aos valores, Wolf aborda a questão da importância, do significado e do interesse que o fato tem, ou pelo menos deveria ter, para ser transformado em notícia. Os valores/notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção, ou seja, não estão presentes apenas na seleção das notícias, mas também nas operações posteriores.

Wolf afirma que os valores/notícia devem permitir que a seleção do material seja executada com rapidez e que essa seleção tenha flexibilidade e permita comparações. Os valores/notícia derivam de algumas considerações relativas que são o conteúdo das notícias, a disponibilidade de seu material, ao público e à concorrência.

### 2.1.1 Os valores/notícia

Os critérios relativos ao produto, de acordo com Wolf, dizem respeito à disponibilidade de materiais e às características específicas do produto informativo. A necessidade de não ultrapassar um determinado espaço destinado às notícias remete ao jornalista ter muito material em mãos, o que, segundo o autor, possibilita uma melhor escolha e, conseqüentemente, maior representatividade dos acontecimentos importantes do dia, dentro dos rígidos limites do formato dos noticiários.

Um outro valor/notícia relativo ao produto informativo é a atualidade. Segundo o autor, as notícias devem referir-se aos acontecimentos mais recentes possíveis. Quanto mais novo for o fato, maiores são as chances de ele ser incluído no noticiário. Equilíbrio e qualidade são outras características que Mauro Wolf destaca no produto. São valores, segundo ele, de suma importância, pois é preciso que haja uma composição equilibrada do noticiário em seu conjunto, aliada, se possível, a uma imagem, a uma boa apresentação dos fatos e, principalmente, a uma linguagem mais clara possível, para que essa não fique enfadonha.

Sobre os critérios relativos ao veículo de comunicação, o autor destaca que esse valor/notícia está diretamente associado a todos os critérios de relevância que dizem respeito ao público. Os principais objetivos são fornecer ao público um serviço interessante para entretê-lo e fugir do famoso sensacionalismo, que ultrapassa os limites da moral e, principalmente, da privacidade.

Um outro critério importante e destacado por Wolf é a frequência. Quanto mais a frequência do acontecimento se assemelhar à frequência do veículo de comunicação, mais provável será a chance de um acontecimento virar notícia. Um triplo assassinato de estudantes em

um assalto a um coletivo será notícia para uma rádio cuja frequência é jornalismo policial, mas, em contrapartida, não será para uma rádio evangélica, por exemplo.

Segundo o autor, o valor/notícia do formato diz respeito aos limites de espaço e de tempo que caracterizam o produto informativo. Modificações no formato do noticiário implicam em avaliações e composições diversas do conjunto dos valores/notícia aplicados nas escolhas do material noticiável.

Wolf também aborda os critérios relativos ao público que, para ele, são os mais complexos de todos, por atingir diretamente o alvo da notícia. Tais critérios referem-se ao papel que desempenha a imagem que os jornalistas fazem do público. Torna-se, segundo o autor, um aspecto complicado: os jornalistas não conhecem a fundo o seu público, mesmo que os veículos façam pesquisas e mostrem as características dele. O jornalista é quem decide o que é melhor para o público, e nem sempre é feliz na escolha.

O autor aborda ainda os critérios relativos à concorrência nos meios de comunicação. Para Wolf, a concorrência é grande e a maioria dos veículos de comunicação é rival. A busca pelo furo e pela exclusividade são alguns dos principais motivos dessa intensa disputa.

### **2.1.2 Critérios de Noticiabilidade**

Para Wolf (1999) a importância de uma notícia é determinada por quatro variáveis. A primeira é o grau hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento, ou seja, quanto mais pessoas importantes, do alto escalão do governo ou de países do primeiro mundo estiverem envolvidas, mais chances o acontecimento tem de se transformar em notícia. A segunda variável é o impacto sobre a nação e o interesse nacional. A capacidade que o fato tem de incidir sobre o

interesse do país é extremamente relevante, ou seja, quanto maior o impacto ou o interesse das pessoas, mais chances o acontecimento tem de virar notícia.

Segundo o autor, a terceira variável é a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve: quanto mais pessoas estiverem envolvidas em um desastre, ou quanto mais “grandes nomes”, pessoas de destaque, estiverem em determinado evento, maior é o seu valor/notícia. A quarta variável é a relevância do acontecimento e sua evolução futura. Quanto mais complicada ou reveladora for uma determinada situação, maiores são as chances de ela se tornar notícia.

Para Wolf, a noticiabilidade de um fato também é avaliada quanto ao grau de integração que ele apresenta em relação à rotina das fases de produção. Isto significa que, quanto mais requisitos a notícia possuir, maiores são as chances de ela ser publicada ou divulgada.

Traquina (1993) aborda a questão da imprevisibilidade e a necessidade que as instituições têm de se organizarem no espaço e no tempo. Segundo ele, as empresas jornalísticas utilizam três estratégias para cobrir o espaço. São elas: 1) organização do território geográfico, ou seja, dividem o mundo em áreas de responsabilidade territorial; 2) especialização organizacional, ou seja, estabelecem uma espécie de “sentinela” nas organizações para produzirem acontecimentos noticiáveis; 3) especialização em temas, ou seja, divisão por seções.

Quanto à questão da organização no tempo, Traquina relata a luta diária do jornalista contra o relógio e todo o planejamento prévio que deve ser feito antes de qualquer coisa. Nas empresas jornalísticas é usada uma agenda que pauta os acontecimentos previstos, permitindo assim planejar o trabalho da equipe com uma certa antecedência.

A rotinização da produção gera três conseqüências para as empresas jornalísticas: 1) as diferenças das fontes quanto ao acesso aos meios de comunicação, algo que é bem estratificado socialmente; 2) a interdependência que as fontes e os jornalistas têm quando fazem parte da

mesma rotina regular; 3) o fato das notícias acabarem tendo como base, fontes que são profissionais do negócio, como os relações públicas que conhecem bem o trabalho jornalístico.

Traquina (1993) salienta ainda que o jornalismo vive de acontecimentos que devem virar notícias e que todo acontecimento importante deve ser informado ao público. Controlados pelo tempo, sempre em busca da atualidade e constantemente se perguntando se há alguma novidade, jornalistas e empresas do meio trabalham em busca do objetivo de produzir notícias sobre os acontecimentos mais recentes. Para o autor, responder as seis questões que compõem o *lead* noticioso é tarefa árdua e é justamente isso que o leitor precisa na notícia e o que menos encontra. Para Traquina, seja por qualquer motivo, exigir isso é tarefa pesada demais para esses profissionais que andam sedentos atrás do novo e pressionados com a hora do fechamento.

## **2.2 Rotinas de Produção**

Mauro Wolf (1999) afirma que nenhuma outra profissão é tão rodeada de mitos como a do jornalismo, por lidar diretamente com o público e ter a obrigação de mantê-lo informado. Na “mitologia” jornalística, o profissional assume o papel de observador neutro, que é aquele profissional cauteloso e que não emite opiniões pessoais sobre quaisquer assuntos. Para o autor, essa mitologia se manifesta na obrigação de os órgãos de informação levarem ao conhecimento do público um fato desconhecido, tratando-o como acontecimento de interesse de todos. Os veículos de comunicação se vêem obrigados a narrar os fatos imparcialmente e sem tendências individuais. Por isso, buscam organizar o trabalho de uma forma que todos os acontecimentos noticiáveis possam ser passados de maneira clara e precisa para as pessoas.

O mito da imparcialidade vem acompanhando o jornalismo desde o início do século XX. De acordo com Traquina (1993), o jornalismo vive dois momentos históricos marcantes: o

primeiro é o surgimento do jornalismo informativo em meados do século XIX, cujo intuito era a separação de fatos e opiniões, ou seja, a imparcialidade. As agências noticiosas defenderam, por anos, esse novo conceito da profissão e até hoje são o protótipo desse jornalismo que deve exprimir a realidade. O segundo momento nasce com o surgimento do conceito de objetividade, nos anos 20 e 30, nos Estados Unidos. Nasce o novo jornalismo com o intuito de mostrar a verdadeira realidade da sociedade com o máximo de objetividade, ou seja, sem rodeios e indo direto ao assunto.

Ainda hoje, a ideologia da objetividade é vista como uma espécie de reforço da confiança do público na veracidade dos fatos. Para Traquina, trata-se de um “empirismo ingênuo” que ainda reina no campo jornalístico. Entende-se que os fatos acontecem e as notícias emergem naturalmente, e o jornalista assume o simples papel de retransmiti-las fielmente ao público. A metáfora do jornalista como espelho reflete bem essa imagem de ser simplesmente um mero divulgador dos fatos.

Dessa necessidade de o jornalismo ser objetivo, ser imparcial, nasce a rotinização do trabalho jornalístico. É preciso criar formas de atuação que permitam ao jornalista fazer sua tarefa da forma mais “imparcial” possível, ou seja, é necessário criar mecanismos de produção que façam o público acreditar na legitimidade do trabalho jornalístico.

Mauro Wolf (1999) observa que a escassez do tempo é uma das principais inimigas das rotinas produtivas em qualquer veículo de comunicação, pois não permite que o jornalista, na maioria das vezes, desempenhe um bom trabalho. As três fases dessa incessante rotina são a recolha, a seleção e a apresentação das notícias. Wolf explica que a fase da coleta dos materiais para moldar um noticiário é de suma importância para que o jornalista tenha um melhor direcionamento do seu trabalho.

Para Nelson Traquina (1993), o discurso jornalístico é elaborado por meio de metáforas, exemplos, frases já feitas ou imagens que são usadas diversas vezes. Essas formas literárias e narrativas garantem ao jornalista, que constantemente trabalha sobre a pressão do tempo, transformar rapidamente um acontecimento em notícia. Traquina também salienta a incessante luta do jornalista contra o tempo, que geralmente é muito curto para que o repórter possa cumprir suas pautas ou redigir suas reportagens.

A questão do tempo, segundo Wolf (1999), para qualquer profissional, seja de rádio, TV ou impresso, é crucial e traz conseqüências para a profissão. Primeiro, o fechamento do jornal que, dependendo da edição na qual o jornalista trabalha, ocorre geralmente na parte da tarde. Devido a esse *deadline* curto, o jornalista tem pouquíssimo tempo para sair a campo, voltar à redação e redigir a matéria, sem mencionar o número de pautas que precisa cumprir diariamente.

Para Traquina (1993), o relacionamento entre o campo jornalístico e o fator tempo é ainda mais profundo. O próprio conceito de atualidade constitui o coração e a alma do trabalho jornalístico. Os acontecimentos devem ser atuais, pois a própria atualidade constitui um fator de noticiabilidade, obedecendo, evidentemente, aos critérios estabelecidos pela empresa jornalística. A existência de um acontecimento atual pode servir de gancho para um outro acontecimento ligado a esse assunto. Entra em cena, novamente, o fator tempo que marca, por exemplo, uma data histórica ou um dia comemorativo que é celebrado todos os anos.

Segundo Wolf, uma outra característica dessa fase é a grande preocupação que os jornalistas têm de conseguir notícias importantes ou suficientes para fechar o noticiário. Grande parte das notícias deve ser conhecida horas ou até mesmo dias antes. O conhecimento prévio do assunto que vai ser tratado pelo jornalista pode lhe assegurar um trabalho bem feito, além da certeza de que o que está sendo passado ou transmitido não está sujeito a nenhum tipo de erro. O

processo de seleção, bem como todos os requisitos necessários para as notícias serem selecionadas e toda a fase de edição e apresentação dos acontecimentos será tratado a seguir.

### **2.2.1 Seleção e Apresentação das Notícias**

O processo de seleção das notícias pode ser comparado, segundo Wolf (1999), a um grande funil no qual se colocam inúmeras informações e que apenas uma pequena parcela dessas consegue ser filtrada. As notícias factuais são as que mais interessam ao público. As outras informações também são relevantes, mas podem ser dadas em outro momento, já que são notícias ligadas a algum acontecimento específico. Existem, obviamente, aqueles fatos importantes que chegam à redação e que são inseridos em última hora.

Quanto à apresentação das notícias, o autor destaca que os processos de recolha e seleção devem ficar implícitos para que o público somente fique informado sem tomar partido de nada. O principal objetivo é conseguir passar a informação clara, precisa e, principalmente, verdadeira.

A ordem de apresentação varia de veículo para veículo. O ideal é que se siga uma ordem lógica de apresentação, ou seja, que as notícias, além de terem princípio, meio e fim, sejam agrupadas dentro de cada editoria para que haja uma sincronia de modo que o noticiário não fique maçante, acabando por confundir o telespectador, o ouvinte ou o leitor.

Wolf (1999) observa que o processo de edição é de suma importância dentro das rotinas produtivas. Não é tudo que interessa ao público, e certas informações são irrelevantes, podendo ser descartadas. A edição, além de facilitar o trabalho do jornalista, é uma importante arma para que todo o processo flua corretamente.

Um outro aspecto importante dessa fase é o interesse do público. O uso do bom senso somado aos dados de pesquisas realizadas pelos institutos que o jornalista tem, ou pelo menos

deveria ter, sempre às mãos, irá dizer quais acontecimentos provavelmente interessarão mais ao público. É importante, segundo Wolf, que os jornalistas tenham um aval do público, mas isso quase nunca acontece, o que gera, muitas vezes, pouca audiência ou vendagem.

### 2.2.2 Fontes

Em um sentido amplo, segundo Wolf (1999), fontes são todas as pessoas que o jornalista entrevista ou observa, ou seja, alguém que fornece alguma informação importante que será útil para a realização de um trabalho. As fontes constituem um fator de extrema importância para uma boa qualidade da informação produzida pelos *mass media*. As classificações das fontes são diversas. Desde instituições até pessoas físicas podem ser consideradas fontes, desde que apresentem algum envolvimento com o fato ou acontecimento.

As classificações das fontes variam de acordo com o meio de comunicação em que se trabalha e com sua política empresarial. De uma maneira geral, as fontes são divididas em três categorias: **1)** oficiais (alta do dólar, taxa de juros), oficiosas (pessoas que não podem ser reveladas), independentes (ONG's); **2)** primárias (documentos), secundárias (pessoas com determinado conhecimento ou envolvimento em algum assunto); **3)** testemunhas (pessoas que presenciaram algum acontecimento), experts (catedráticos em algum assunto).

As fontes não são todas iguais, bem como o acesso a elas não está igualmente distribuído. Quanto mais a fonte for inserida na hierarquia da alta sociedade, pertencendo a algum cargo público de poder ou de status, mais credível ela é, e mais procurada por jornalistas ela será, o que não quer dizer que nem todos os profissionais tenham fácil acesso a ela.

Para Wolf (1999), a relação das fontes com os jornalistas depende de quatro fatores: os incentivos, ou seja, a facilidade que as empresas ou órgãos do governo dão aos repórteres de

coletar informações ou realizar entrevistas; o poder da fonte; a capacidade de fornecer informações credíveis; a proximidade social e geográfica em relação aos jornalistas. De todos, o último é o mais importante, pois quanto mais próxima a fonte se encontrar, mais chances de se terem informações confiáveis, algo de suma importância para um profissional. As fontes que sempre fornecem materiais credíveis têm grande chance de continuarem a serem utilizadas e podem vir a se transformar em fontes regulares.

Ainda de acordo com o autor, fontes consideradas produtivas são aquelas que fornecem material suficiente para se fazer a notícia, poupando assim os jornalistas do trabalho de terem que recorrer a outros meios para complementá-la. O fator credibilidade também é de extrema importância. Para os jornalistas, as fontes devem ser tão credíveis que as informações coletadas não exijam a necessidade de serem verificadas com outras fontes. Muitas vezes, os jornalistas têm dificuldade em avaliar a credibilidade da fonte. Por isso, as fontes que são regularmente consultadas tendem a se tornar fontes estáveis.

Traquina (1993) também destaca que a credibilidade da fonte facilita as rotinas de produção. Quanto mais confiável a fonte for, melhor para o jornalista e para o desenvolvimento de seu trabalho. Nelson Traquina relata ainda que, quanto mais alta é a posição social do informador, mais credível ele é. Para o autor, o relacionamento do repórter com as fontes de informação é sagrado e protegido por lei, o que permite ao jornalista, mesmo estando em um tribunal, omitir a identidade de sua fonte.

De acordo com Wolf (1999), a respeitabilidade é o termo usado pelos jornalistas para classificar as fontes oficiais ou que ocupem cargos de autoridade. Essas fontes, além de possuírem grande credibilidade, têm integridade e grande importância para esses profissionais.

Geralmente, os jornalistas especializados estabelecem relações estreitas e amigáveis com as fontes que, com o passar dos anos, acabam se tornando fontes pessoais que mantêm os

repórteres atualizados diariamente. Já os jornalistas não especializados, ou seja, aqueles que tratam de vários assuntos diferentes diariamente, enfrentam uma dificuldade maior em seu trabalho, haja vista a falta de tempo e de conhecimento, pois nenhum profissional, por mais competente que seja, é capaz de dominar assuntos relacionados a todas as editorias.

### 2.3 A pulsão pela morte como valor-notícia

Freud (1930) argumenta que o indivíduo nasce com uma “pulsão de morte”, ou seja, já nasce com um certo instinto para a agressividade, para a violência e sente um certo “prazer” quando o assunto está ligado à morte. É por isso que programas policiais que envolvem assassinatos bárbaros, crimes ou assaltos seguidos de morte envolvam tanto o público e geram tanta audiência. Conforme Freud analisa, elas acionam o instinto agressivo latente no ser humano.<sup>1</sup>

Para Freud, o indivíduo tem latente pulsão de morte que projeta sua agressividade para o mundo exterior que, por sua vez, reprime a possibilidade de descarregar essa tal agressividade e esta volta para dentro do indivíduo em forma de “autodestruição”.

O Eros e a pulsão de morte são, segundo Freud, duas forças igualmente poderosas e antagônicas e cabe ao indivíduo, na medida do possível, tentar dominá-las. A agressividade é introjetada para o interior da pessoa e é dirigida para o próprio eu. Sentimento de culpa e necessidade de punição também foram estudados por Freud. Ele relata ainda que a civilização consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o e desarmando-o,

---

<sup>1</sup> Em sua obra, Freud define a estrutura psíquica a partir de três partes: o ID (refere-se aos instintos, pulsões), o EGO (a personalidade, o equilíbrio entre as pulsões e as regras sociais) e o SUPEREGO (as normas culturais e sociais que têm a tarefa de reprimir os instintos para manter a integridade da vida social. Ao discutir os instintos, o autor destaca duas pulsões que seriam a força motriz do homem – a pulsão de vida ou *eros* (sexualidade) e a pulsão de morte ou *tanatos* (agressividade), que estão latentes no ser humano desde a infância. Estas questões serão melhor trabalhadas no referencial teórico.

colocando uma guarnição para controlar todos seus impulsos, de forma que essa pessoa se torne a mais pacífica possível. O sentimento de culpa, segundo o autor, é originado do medo de uma autoridade instituída no processo civilizatório e que representa a lei e o medo do supereu. A autoridade exige a renúncia das satisfações das pulsões e o supereu é mais severo em suas exigências.

O autor Danilo Angrimani (1994) recorre à obra de Freud e faz uma abordagem sobre o sensacionalismo na imprensa. O autor procura desvendar porque mais e mais pessoas preferem jornais ou programas sensacionalistas a outros mais “sérios”.<sup>2</sup> Angrimani ressalta que os leitores de jornais sensacionalistas, ouvintes de programas, telespectadores ou internautas do mesmo gênero têm uma formação cultural precária e estão mais próximos de seus instintos e de suas manifestações. Ao contrário de pessoas mais cultas que têm seus instintos mais controlados e, logicamente, preferem veículos mais racionais.

Segundo Angrimani, tanto o leitor de jornal sensacionalista quanto o de jornal mais sóbrio fazem parte de uma mesma camada de verniz cultural que é rompida todas as manhãs na leitura do jornal diário, principalmente se este traz estampado na 1ª página crimes em séries de um canibal, estupros, seqüestros, incestos ou crimes passionais. A morte tornou-se objeto de fascínio. Freud (1930) ainda mostra que todo ser vai morrer por causas internas e, nessa regra, não há exceção. Depois da morte, o indivíduo retorna a um estado inorgânico e a meta de toda a vida é a morte. Para Angrimani (1994), a morte sensacionalista é narrada em uma linguagem-clichê e admite a nuclearização por se referir a vários “tipos” de morte. O cadáver, às vezes, fará rir e, outras vezes, chorar e é isso que, de certa forma, cativa o público e faz crescer a audiência por programas ou jornais desse gênero. A violência é deflagrada como resposta a um acúmulo de

---

<sup>2</sup> Deve-se ressaltar que hoje no cenário da imprensa mineira têm se destacado como fenômenos de vendagem os tablóides “Aqui” e “Super”, que priorizam matérias sobre violência.

tensão e tem o objetivo restaurar a “normalidade” no organismo. Freud imagina uma pulsão de agressão autônoma, dirigida ora contra a própria pessoa, ora contra o mundo exterior, o que demonstra que não são somente as pessoas de baixa escolaridade que têm preferência por jornais ou programas sensacionalistas. Todos os seres humanos, independente do nível cultural e socioeconômico, trazem consigo aquela pulsão de morte.

Angrimani (1994) aborda a questão do inconsciente. Até os próprios jornalistas, segundo ele, na elaboração de um jornal sensacionalista, por exemplo, não percebem as implicações psíquicas envolvidas naquele trabalho.

Ao discutir a questão da imprensa, o autor argumenta que a questão do valor-notícia está sempre ligada a uma grande audiência e, conseqüentemente, remete a um sensacionalismo, seja por meio de manchetes ou textos onde a “lição de moral” e a agressividade estão presentes. Angrimani afirma, depois de pesquisas e coletas de dados, que a imprensa sensacionalista oscila entre a transgressão e a punição além de uma linguagem bem característica, o que molda o valor da notícia. Mas, às vezes, um veículo não sensacionalista pode remeter o leitor a um outro ponto de vista.

Para o autor, o fato de um programa policial valorizar a notícia que traz um fato violento, nada mais é que o suprimento de uma necessidade específica de seu público. Até nos próprios jornais ou programas não sensacionalistas trazem uma certa violência embutida, só que essa não vem com a intensidade da notícia de um programa sensacionalista. Trata-se, segundo Angrimani, de uma espécie de disfarce. A questão do sensacionalismo como valor notícia, para o autor, é de suma importância. A violência, através dos séculos, foi e será sempre a mesma, pois, segundo Freud (1930), é algo que já nasce com o ser humano e todo e qualquer tipo de notícia que envolva violência terá um grande valor como notícia, tendo em vista essa necessidade do ser humano e, acima de tudo, o prazer sentido por ele.

Torna-se algo óbvio: se uma notícia que envolva violência gera grande audiência, nada mais correto do que explorar ao máximo essa área, com um tom sensacionalista.

### 3 ITATIAIA PATRULHA: UM ESTUDO DE CASO

O *Itatiaia Patrulha* é um programa policial que vai ao ar de segunda a sábado, entre 17h05 e 17h55, que aborda histórias do cotidiano das pessoas. É transmitido pela Rádio Itatiaia, em Minas Gerais, em Amplitude Modulada (AM) e Frequência Modulada (FM), com várias emissoras afiliadas espalhadas por todo o estado de Minas Gerais. O programa tem como objetivo principal a divulgação de notícias policiais, entrevistas com autoridades, suspeitos e vítimas de crimes. Brigas pessoais, violência, homicídios, seqüestros, incêndios, desabamentos, enchentes, acidentes de trânsito e tragédias em geral servem de pauta para os jornalistas.

O *Itatiaia Patrulha* está inserido no segmento de jornalismo policial e prestação de serviços e, ao contrário do que muitas pessoas pensam, não foi o primeiro programa policial radiofônico de Minas Gerais. O pioneiro nesse gênero foi o *Rádio Polícia*, lançado na década 60 pela mesma emissora, que noticiava os crimes ocorridos na capital mineira com depoimento dos acusados. O *Itatiaia Patrulha* está no ar desde o dia 5 de julho de 1975 e até hoje ocupa o primeiro lugar em audiência no rádio em Minas Gerais, no horário em que é veiculado.

De acordo com Pessoa (2004), a Rádio Itatiaia procura mostrar a verdadeira realidade da sociedade em que vivemos com a veiculação dos mais diversos depoimentos e as conseqüências dos acontecimentos. Tal diversidade de participantes contribui para a formação de um variado universo de interações, que nos permitem as mais diversas análises. Segundo Pessoa, a Rádio Itatiaia privilegia a veiculação de depoimentos que, sistematicamente, ressaltam as conseqüências e sofrimentos desencadeados por um desses acontecimentos.

De uma maneira geral, o *Itatiaia Patrulha* tem a maior parte de suas entrevistas gravadas com antecedência. A produção jornalística do programa precisa garantir entrevistas que

preenchem os cerca de trinta minutos destinados à veiculação de informação. O locutor do programa é o radialista Laudívio Carvalho, que faz parte da equipe da Rádio Itatiaia há 26 anos. O programa conta com uma equipe de jornalismo constituída de 8 pessoas, entre repórteres, estagiárias e uma coordenadora de produção

Os assuntos abordados pelo *Itatiaia Patrulha* a cada edição são, em média, cinco ou seis. Esse número é relativo e depende da quantidade de crimes ou ocorrências policiais que aconteceram naquele dia. Há dias em que a apuração da equipe é dificultada pelo baixo número de acontecimentos e, em outros, existem ocorrências em excesso e os jornalistas precisam selecionar as principais notícias que mais interessam o ouvinte.

### **3.1 Metodologia**

A análise das rotinas de produção do programa será feita com base nos critérios de noticiabilidade abordados por Mauro Wolf (1999), que são o ineditismo, a improbabilidade, o interesse, o apelo, a empatia e a proximidade. Todos esses critérios já foram abordados no referencial teórico e serão usados na análise do *Itatiaia Patrulha* com o objetivo de averiguar quais desses critérios são os mais usados e o principal motivo que leva a equipe de produção a utilizá-los. Tudo será observado, desde os critérios usados para selecionar o que vai ao ar e o que não vai, os motivos de tal escolha e, acima de tudo, os critérios escolhidos para tal seleção.

Um outro aspecto que será verificado é a questão das notícias em si, bem como seus valores para um programa radiofônico policial, já que, para Nelson Traquina (1993), as notícias resultam de um processo de produção que mescla percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (acontecimento) num produto final. Com base nesse estudioso, pretende-se

verificar a questão das notícias como um todo que pode ser considerado o pilar de sustentação do jornalismo.

A metodologia usada na análise das rotinas de produção do *Itatiaia Patrulha* compreende três etapas, que são a observação não-participante do processo de produção do programa, entrevista e análise de conteúdo de cinco edições gravadas do programa. Tudo isso será feito com base no que foi estudado durante o curso e nos teóricos citados nos capítulos anteriores.

O Anexo A apresenta o roteiro da entrevista feita com o apresentador do *Itatiaia Patrulha*, Laudívio Carvalho. Trata-se de uma entrevista composta por dez perguntas respondidas pelo apresentador e que visou apreender, dentre vários itens, a questão da pauta em um programa policial radiofônico, das fontes e de seu relacionamento com elas, bem como os critérios de noticiabilidade usados pelo programa.

O roteiro da observação não-participante foi desenvolvido com o intuito de observar os seguintes itens: 1) o processo de apuração das notícias, que, de acordo com Wolf (1999), é a fase em que não se pode cometer erros e deve ser bem feita, sob pena de desencadear transtornos para o jornalista e o veículo de informação; 2) o ritmo de trabalho na redação, ou seja, analisar o cotidiano de uma redação de um veículo de porte como a Rádio Itatiaia, bem como os mecanismos e ferramentas utilizadas pelos funcionários para o desenvolvimento de todo o trabalho; 3) os tipos de notícias que têm preferência de veiculação, ou seja, perante todo o noticiário pronto para ir ao ar, quais notícias vão ao ar e os motivos que levam a equipe a optar por elas; 4) critérios de edição das notícias, outro ponto destacado por Wolf (1999) ao enfatizar que um bom trabalho jornalístico é fruto de uma minuciosa apuração e uma pensada edição.

A análise de conteúdo será feita a partir das edições que foram transmitidos entre os dias 10 e 14 de abril de 2006. Através desse material, serão analisadas a relação do apresentador com

as fontes e autoridades civis e militares, entrevistas com suspeitos dos crimes e, principalmente, as notícias que ganham destaque e vão ao ar.

A relação do jornalista com as fontes, de acordo com Traquina (1993), deve ser estritamente profissional. Todo relacionamento pessoal deve ser deixado de lado para que informações importantes possam ser divulgadas ou publicadas. Quanto a alguma pessoa que cometeu algum crime, o jornalista, segundo o autor, jamais deve acusá-la ou tratá-la como culpada. Até que se comprove a veracidade do delito, ela deve ser tratada como suspeita. Em suma, os principais objetivos são analisar a relação jornalista-fonte/jornalista-suspeito e o tipo de notícia que tem mais prioridade no *Itatiaia Patrulha*.

### **3.2 Análise das rotinas de produção no Itatiaia Patrulha**

Para um melhor entendimento do assunto estudado foi necessário acompanhar, durante os dias 17 e 18 de outubro de 2006, toda a rotina de produção do *Itatiaia Patrulha*. Isto se faz necessário, para que o estudante possa ter um contato direto com os profissionais na redação, as notícias, os contatos com as fontes e com toda a produção de uma forma geral. Nesses dois dias de acompanhamento, foram observados os seguintes itens:

#### **3.2.1 Apuração das notícias**

A produção do *Itatiaia Patrulha* começa às 6 horas da manhã. O repórter do programa, Carlos Viana, chega à redação e faz as rondas policiais ligando para todas as principais delegacias de Belo Horizonte e região metropolitana. Isso se torna necessário pois o *Itatiaia Patrulha* não dispõe de nenhum plantonista noturno, por isso as ocorrências policiais que podem vir a ser importantes para o programa são coletadas na manhã seguinte.

Até por volta das 9 horas, quando não se encontra nada relevante para o programa, algo raro de acontecer, o próprio repórter vai até as principais delegacias fazer entrevistas com alguma autoridade policial a respeito de determinado crime do dia anterior que ainda não foi resolvido ou não está suficientemente claro para o público. Nos dias acompanhados por este estudo não foi necessária a saída do repórter Carlos Viana da redação, pois pela ronda policial feita naqueles dias foram coletadas notícias suficientes para os respectivos programas.

Por volta das 11 horas, a produtora Camila Dias chega e ajuda o repórter na ronda policial. Uma das principais fontes do Itatiaia Patrulha é o site da Polícia Militar, que de hora em hora é consultado pela produtora. A maioria das informações veiculadas no programa são retiradas do site [www.pmmg.mg.gov.br](http://www.pmmg.mg.gov.br). Os contatos feitos com as fontes duram o dia todo, principalmente com autoridades da Polícia Civil e Militar.

Quando algum crime merece atenção especial pelo ineditismo, o próprio apresentador do programa, Laudívio Carvalho, vai pessoalmente até a Delegacia de Operações Especiais (DOESP) da Polícia Civil e/ou para outras delegacias da capital. Dependendo do tipo de crime e de sua repercussão, o apresentador realiza entrevistas com os suspeitos e autoridades. O próprio Laudívio faz questão de ir, pois, segundo ele, gera maior credibilidade ao programa o fato de o apresentador realizar as entrevistas nesses locais.

Pelo menos três vezes ao dia é feito contato com a assessoria da Polícia Civil, onde são coletadas informações sobre prisões de traficantes ou algum tipo de crime que merece ser destacado com base nos critérios utilizados pelo programa.

Na redação, o ritmo de trabalho é frenético durante todo o dia e não pára mesmo depois da apresentação do programa. Seis funcionários e dois estagiários precisam preparar e editar cinco a seis reportagens com entrevistas para irem ao ar, pontualmente, às 17hs e 05 min. Somente o repórter Carlos Viana e a estagiária de produção Camila Dias são exclusivos do *Itatiaia Patrulha*.

O restante da equipe trabalha no departamento de jornalismo da Rádio e apura notícias de outras áreas para outros programas também.

Muitas notícias, ou até mesmo pequenas notas, são retiradas dos jornais “Estado de Minas”, “O Tempo” e “Hoje em Dia”, disponíveis na redação diariamente. Denúncias chegam na redação via telefone ou até via e-mail que são checados de hora em hora. Todas as informações são checadas e se for constatada a veracidade da notícia, é feito um trabalho de apuração de mais dados e são realizadas entrevistas, se necessário. As notas que são lidas pelo apresentador são redigidas ou alteradas durante o expediente. A estagiária Camila Dias é a principal responsável pela redação, checagem e apuração.

Cada minuto é de suma importância na redação de um programa policial. Até o apresentador Laudívio Carvalho ajuda na apuração das notícias, fazendo contatos de última hora e tentando coletar o máximo de informações relevantes para o noticiário, pois, nem sempre se consegue contato com facilidade com algumas fontes, sendo necessário até cinco ou mais contatos com uma única fonte.

### **3.2.2 Critérios de noticiabilidade do Itatiaia Patrulha**

Quanto ao processo de seleção das notícias, nota-se que o *Itatiaia Patrulha* baseia-se nos critérios estabelecidos por Mauro Wolf (1999) que o compara a um grande funil no qual se colocam inúmeras informações e que apenas uma pequena parcela dessas consegue ser filtrada, devido a seu grau de importância. No programa, notícias factuais e que despertam interesse são as que mais interessam ao público. Outras informações que também são consideradas relevantes aparecem em formas de pequenas notas. Existem, obviamente, aqueles fatos importantes que chegam à redação e que são inseridos de última hora. Nos dois dias observados, aconteceu tal

fato. A seleção no *Itatiaia Patrulha* é bastante rigorosa, pois o programa tem somente 50 minutos, e não há tempo suficiente para inserir todas as notícias em uma única edição, haja visto que somente 30 minutos são destinadas as notícias e entrevistas já que os outros 20 minutos são reservados aos comerciais. Para isso, os critérios de noticiabilidade já citados anteriormente é que norteiam o trabalho de toda a equipe de jornalismo da Rádio Itatiaia, aliada, obviamente, à política empresarial.

A edição das entrevistas é feita na parte da tarde, pois elas devem obedecer a um determinado tempo destinado a elas que é de, geralmente, 4 minutos, dependendo do assunto. Cada entrevista tem aproximadamente 15 a 20 minutos de duração. Torna-se necessária uma escuta minuciosa de todo o material coletado, para posteriormente fazer o processo de edição que consiste em apenas levar ao ar as informações relevantes para o ouvinte. Segundo Laudívio Carvalho, sem a edição no rádio jamais seria possível fazer um bom trabalho jornalístico. Apesar de ser um processo trabalhoso e demorado, dois repórteres são responsáveis por esse trabalho que leva, em média, de uma a duas horas e sempre é feito na parte da tarde, por volta das 15 horas.

Quanto à apresentação das notícias no *Itatiaia Patrulha*, percebe-se que os processos de recolha e seleção ficam, obviamente, implícitos para que o ouvinte somente fique informado sem tomar partido de nada. O principal objetivo, segundo Wolf (1999), é conseguir passar a informação clara, precisa e, principalmente, verdadeira e isso pode ser notado no programa analisado.

Quanto aos valores-notícia, nota-se que, no *Itatiaia Patrulha*, existe um ponto de equilíbrio da notícia que não chega a ser um sensacionalismo que, segundo Mauro Wolf (1999), ultrapassa os limites da moral e da privacidade. O programa procura, ao máximo, fornecer ao público um serviço interessante e o mais imparcial possível.

De acordo com o apresentador do *Itatiaia Patrulha*, Laudívio Carvalho, em entrevista exclusiva realizada no dia 17 de outubro de 2006 nas dependências da Rádio Itatiaia, todo e qualquer assunto referente a ocorrências policiais e denúncias em geral, servem de pauta para o programa. Para o apresentador, os critérios de noticiabilidade é que norteiam o que pode ou não ser pauta. O principal critério que vai determinar uma pauta policial é o interesse do público. De nada adianta, segundo Laudívio, uma pauta com muitas informações, mas que não tem o interesse das pessoas e enfatiza que uma notícia tem que, acima de tudo, provocar interesse no ouvinte. Uma pauta policial com um bom assunto é o ponto crucial da questão, mas não é muito fácil de se conseguir, tendo em vista as diversas opiniões das pessoas sobre o que é ou não interessante.

Ainda para Laudívio, não é somente pautas sobre ocorrências policiais que ganham destaque e vão ao ar. Denúncias referentes à segurança pública também ganham destaque no cenário policial e geram pautas interessantes para os repórteres.

Segundo o apresentador, a relação com as fontes em um programa policial radiofônico é de muito respeito, pois se trata de autoridades e de assuntos, na maioria das vezes, delicados de se tratar, principalmente no rádio. A maioria das fontes são corporações civis e militares e representantes da justiça em geral.

De acordo com Laudívio, o discurso do programa se articula com muita interatividade com o ouvinte e com uma linguagem clara. Isso se torna necessário devido ao fato do *Itatiaia Patrulha* ser um programa líder de audiência no horário e ter ouvintes pertencentes a todas as classes sociais. Para que a interatividade ocorra de maneira clara, segura e objetiva, é necessário o uso de uma linguagem de simples entendimento a fim de que o ouvinte não tenha dúvida no que foi dito e não interprete de forma errônea a informação. A clareza na linguagem é algo que o apresentador faz questão de não perder. Ele enfatiza que o rádio, por não deter o poder da imagem, precisa contar com uma linguagem simples.

A maioria das pautas chega a redação através de denúncias dos ouvintes via telefone, e-mails ou até mesmo retiradas do *site* da Polícia Militar. É feita uma reunião de pauta pela manhã e outra na parte da tarde. Todos os assuntos relevantes são discutidos pelo produtor, apresentador e repórter que entram num consenso sobre o que vai ao ar e o que não vai. Toda denúncia é, segundo o apresentador, cuidadosamente verificada e apurada. Se o assunto for verídico e de interesse público, há grandes chances de ser tornar pauta e ir ao ar.

Quando a pauta chega na redação, ela precisa ser aprovada, primeiramente, pela coordenadora de produção jornalística, Camila Campos. Depois da aprovação, ela é checada pela produtora, Camila Dias e só depois vai para as mãos do repórter que sai a campo. Quando este volta, é escrito o texto final que será lido pelo apresentador na hora do programa. Toda a edição do material disponível é feita em menos de uma hora.

Para Laudívio Carvalho, o fato de transformar uma simples ocorrência policial em uma notícia interessante é o grande desafio que todo jornalista enfrenta diariamente. Segundo o apresentador, existem dias que esse desafio é difícil de se transpor devido à falta de notícias relevantes, mas faz parte do dia a dia dessa profissão que tanto fascina o apresentador que está na Rádio Itatiaia há 26 anos.

### 3.3 Análise do Produto

Para um melhor aprimoramento do trabalho, foram analisadas, entre os dias 10 e 14 de abril de 2006, as edições do *Itatiaia Patrulha*. Todo o material está disponível em fita cassete e foi gravado na íntegra.

Geralmente, abre-se o primeiro bloco do programa com uma vinheta de abertura própria do programa, intermediada pelo apresentador Laudívio Carvalho, que apresenta as principais manchetes do dia. Essas são apresentadas em pequenas edições das falas dos entrevistados. O programa é dividido em quatro ou cinco blocos e varia de acordo com o número de matérias apresentadas no dia. Dependendo do assunto, o próprio apresentador faz entrevistas via telefone ou diretamente no local.

Pode-se notar que, no *Itatiaia Patrulha*, os principais critérios para uma notícia ir ao ar são, primeiramente, o interesse, item que reafirma as análises de Wolf (1999), segundo quem uma notícia tem que despertar interesse no ouvinte e não simplesmente informar. O interesse mencionado é aquele que Freud (1930) aborda em seus estudos, que revela que todo ser humano já nasce com aquela pulsão pela morte e que Angrimani (1994) reforça que as pessoas têm interesse na desgraça alheia, seja pela exposição da intimidade, do hilário ou do grotesco. O autor ainda afirma que tal interesse está ligado ao teor do acontecimento, ou seja, quanto maior o crime, ou a exposição da intimidade, ou até mesmo o ridículo, maior o interesse das pessoas.

Angrimani (1994) ainda relata que a morte fascina as pessoas e que o interesse ainda é maior se esta for em um estilo diferente, pois é uma mesclagem de vários fatores psíquicos envolvidos que são o prazer, o desejo, e a necessidade de satisfação do ego humano.

Tal item pode ser percebido no trecho da edição do dia 10 de abril de 2006, em que a repórter Grazielle Mendes entrevista a mãe de Carolina Carraro, uma jovem universitária que foi brutalmente assassinada e sem motivos aparentes, cujo suspeito estava foragido. Segue um trecho da entrevista que foi a principal do dia:

**Repórter:** *Quando a Sra viu a sua filha pela última vez?*

**Entrevistada:** *Olha, eu a vi no sábado, ela tinha saído para comer um sanduíche de carro com duas colegas perto da casa dela. Não era tão tarde assim, era umas 9 horas da noite. Aí quando foi lá para meia noite e meia o telefone tocou e uma das amigas disse que elas tinham sido assaltadas e que levaram a Carolina com o carro e tudo. As amigas desceram do carro e os assaltantes já chegaram gritando com elas sai do carro... sai do carro... e mandaram ela dirigir para longe. Depois ligaram lá para casa falando que o corpo dela tinha sido encontrado cheio de hematomas e todo cortado.... (choro)*

**Repórter:** *A polícia foi acionada quanto tempo depois?*

**Entrevistada:** *Assim que eu fiquei sabendo do acontecido eu liguei para a polícia e eles me informaram que fariam uma busca na região do bairro Cidade Nova. Ela era uma menina tranqüila, namorava há dois anos, tinha acabado de começar a faculdade e estava toda feliz porque estava morando sozinha. Eu quero saber quem matou minha filha.... (choro)... alguém matou a minha filha... (choro)... não tinha motivos para isso... é uma covardia o que fizeram com minha filhinha..... (choro)*

A questão do interesse, reafirmando as análises de Freud (1930), da pulsão pela morte latente em todo ser humano, também pode ser notada nesse trecho da entrevista feita por Laudívio Carvalho na edição do dia 12 de abril de 2006 com uma testemunha que presenciou um crime. Wesley Davidson dos Santos, de 19 anos, foi degolado em plena luz do dia no bairro Amendoeiras. Segue um trecho da entrevista que também foi a principal do dia:

**Repórter:** *O Sr sabe porque o jovem foi assassinado?*

**Entrevistado:** *Olha moço, eu só vi quando uns caras chegaram aqui de carro procurando por ele, eu tava aqui guardando essa areia os caras me empurraram perguntando se eu conhecia ele. Eu falei que não, mas ele morava do lado da minha casa mas eu não o entreguei porque eu não sabia o que tava acontecendo. Quando eu saí lá na rua de novo eu vi um desses caras gritando com ele no meio da rua.... me dá meu dinheiro seu filho da puta.... me paga o que me deve... e tava dando chute e soco nele. Aí um outro cara foi no carro e pegou um facão de peixeiro e foi uma só. Passou a faca no pescoço dele e ele caiu duro e morto na hora. Foi uma coisa que eu nunca tinha visto antes....*

**Repórter:** *O Sr acha que esse assassinato tem a ver com o tráfico de drogas?*

**Entrevistado:** *Olha moço.. o que eu posso te dizer é que ele puxava um fumo sim, quase todo dia eu via ele perto do matagal ali embaixo pitando sem parar.... agora já era... é o tal negócio né? Dever traficante é nisso que dá....*

Uma entrevista realizada na edição do dia 13 de abril de 2006 pela repórter Grazielle Mendes com uma vítima de estupro de três homens dentro de um bar em Betim, rearfima, mais uma vez, as análises de Angrimani (1994), sobre a questão do interesse inerente ao ser humano pela exposição da intimidade alheia. A exploração de um caso de estupro como esse desperta, segundo o autor, uma certa sensação de prazer no ouvinte que tem seu lado sádico e o leva a duas vertentes que são a imoralidade e o sexo e estão diretamente ligadas. Segue um trecho da entrevista, a principal do dia:

**Repórter:** *Como é que tudo aconteceu?*

**Entrevistada:** *Eu tava aqui sentada tomando uma cerveja e conversando com minha colega aí dois caras chegaram de moto e o outro já estava lá dentro do bar esperando, aí eles chegaram na nossa mesa e pediram para gente dançar com eles e colocaram um pagode alto, eu falei que não queria mas a minha colega foi e o outro cara foi saindo com ela lá para fora e eu fiquei sozinha com o dono do bar e mais os dois que chegaram de moto e eles fecharam a porta do bar para ninguém entrar e começaram a falar que eu era muito gostosa e que queriam fazer sexo comigo, que era para eu deixar eles transarem comigo senão eu não ia sair viva dali e que era melhor eu deixar... (choro)... aí acabou acontecendo... tive que deixar.... cada hora era um.... (choro)*

**Repórter:** *Mas você viu se algum dos homens estava armado?*

**Entrevistada:** *Vi moça... (choro) um deles, o mais alto, me mostrou um revólver que estava na cintura dele aí eu tremi toda.. depois de uns vinte minutos eles falaram que era para eu calar a boca e não contar nada para ninguém senão eu ia morrer... (choro) agora eu*

*estou com medo moça.... (choro) eu não sei o que fazer... eu não chamei a polícia, preferi procurar vocês da rádio....*

Em todos os três casos relatados, o interesse está presente, pois reafirmando as análises de Freud (1930) e Angrimani (1994), trata-se de crimes contra a vida e um caso diferente de estupro, que são fatos que despertam o interesse do ouvinte, já que possui relação direta com a pulsão pela morte já estudada anteriormente e com o desejo pelo profano, latente ao ser humano. Todas as três entrevistas foram ao ar, na íntegra, somente ao final do programa. Todas as outras notícias ou entrevistas foram dadas primeiro e, quando faltava apenas 10 minutos para terminar as respectivas edições, é que elas foram ao ar.

O segundo critério para uma informação se transformar em notícia no *Itatiaia Patrulha* é o ineditismo. Wolf (1999) afirma que para uma notícia ser considerada inédita, ela tem que ser diferente das outras já apresentadas ou publicadas. Quando uma informação ou denúncia que a equipe considera inédita chega na redação, ela é devidamente checada para se comprovar a veracidade dos fatos e então veiculada na íntegra como primeira notícia do programa.

Nota-se esse critério em uma entrevista feita pela repórter Grazielle Mendes com um ex-funcionário de uma empresa de ônibus que matou seu ex-patrão, com um tiro no peito, por vingança. Traquina (1993) aborda sobre a necessidade de uma checagem muito bem feita da notícia ou denúncia que se tem em mãos para não publicar algo que não ocorreu e, conseqüentemente, colocar em jogo a credibilidade do programa. Segue parte da entrevista:

**Repórter:** *Por que o sr fez essa covardia?*

**Entrevistado:** *Ele tinha me dispensado um mês atrás, ele achou que era eu que tinha facilitado a entrada de dois caras aqui na empresa, porque eu trabalhava como vigia a noite só que nesse dia eu*

*tinha trocado o plantão com o meu colega e ele nem viu os marginais entrando aqui. No outro dia ele já foi soltando os carrochos em mim falando que eu era do bando deles e me dispensou no mesmo dia. Olha moça, eu nem conheço os caras e ele nem quis saber e falou para eu nunca mais pisar aqui...*

**Repórter:** *Mas isso era motivo para o senhor fazer isso?*

**Entrevistado:** *Não era não. Eu estou muito arrependido do que fiz, só que não tem mais volta. Agora eu estou aqui preso esperando minha condenação. Na hora eu fiquei chateado, o sangue subiu na cabeça porque eu não era o culpado, fui lá em casa, busquei o revólver, cheguei na sala dele e atirei no peito dele....*

Nota-se também o ineditismo nesse trecho de uma entrevista da edição do dia 11 de abril de 2006, em que o apresentador Laudívio Carvalho entrevista José da Paixão dos Santos, lavador de carros inabilitado que tinha roubado uma viatura da Polícia Militar e dirigia em alta velocidade. Essa matéria foi ao ar logo no início do programa por causa de seu ineditismo e de acordo com as análises de Wolf (1999), sobre o assunto em questão.

**Repórter:** *O que levou você a fazer uma loucura dessas?*

**Entrevistado:** *Sei não moço... eu tava lá lavando um carro e de repente a polícia parou e os caras entraram em uma padaria para tomar café e deixaram a viatura aberta com a chave na ignição. Aí eu resolvi ir lá e dar um rolê, eu ia devolver só queria sentir o prazer de dirigir um carro potente... só isso... depois que eu entrei no carro e liguei saí cantando pneu e os caras viram, eu assustei e comecei a correr pelas ruas do*

*bairro. Veio outra viatura e me cercou e eles me pegaram.*

**Repórter:** *Você tinha a noção do perigo que as outras pessoas corriam?*

**Entrevistado:** *Eu tava meio doido mesmo. Eu uso drogas desde os meus 11 anos de idade. Gosto de correria mesmo, tava a fim de dirigir uma Blazer só que não deu certo. Eu quase atropeliei uma mulher, ainda bem que ela viu e pulou para o passeio. Eu não queira isso... agora....*

Outro item em que se pode notar o ineditismo, aconteceu na edição do dia 14 de abril de 2006 quando a repórter Márcia Barroso entrevistou umas das três garotas de 13,15 e 17 anos acusadas de um assalto a uma farmácia no bairro Santa Efigênia. Segue um trecho da entrevista que foi ao ar logo no início do programa. Além de ser uma notícia diferente, que não se tem todo dia, o fato de serem garotas ao invés de garotos causa um maior interesse no ouvinte.

**Repórter:** *O que te levou a praticar o assalto?*

**Entrevistada:** *Olha moça... nós estamos aí na área... lá em casa tá precisando das coisas uai... o jeito é roubar... nós combinou de roubar a farmácia depois da aula, o namorado dela arrumou para nós, três toucas ninja para ninguém vê a gente, chegamos lá na tora, rendemos o cara do balcão, pegamos uns treco lá e fomos embora. Nós tá precisando ué... é o jeito.... aí eles chamaram a polícia e ela prendeu nós...*

**Repórter:** *Quem teve a idéia do roubo?*

**Entrevistada:** *Foi eu mesma... na tora uai... eu tenho mais cinco irmãos pequenos, meu pai está desempregado, minha mãe não arruma serviço... eu não*

*vou morrer de fome né?... tem que roubar... se você pede ninguém te dá.... é foda!!!*

O terceiro critério para a informação se transformar em notícia no *Itatiaia Patrulha* é a questão da empatia, pois, segundo Wolf (1999), quanto mais pessoas puderem se identificar com a notícia, mais importante ela é para o programa. Além de gerar grande audiência, cresce a credibilidade, o fato de veicular notícias que envolvem o cotidiano das pessoas, de todas as classes sociais. Essa identificação citada pelo autor é de extrema importância para o jornalismo, pois, se alguém se identifica com algum acontecimento veiculado na mídia, a tendência mais óbvia é que essa pessoa leia a notícia, veja a reportagem ou escute a matéria até o final.

Esse terceiro item pode ser verificado em uma entrevista da edição do dia 12 de abril de 2006 feita pela repórter Grazielle Mendes com o filho de Maria das Dores Oliveira, de 81 anos, que foi assaltada e arrastada em uma rua no bairro Floresta e que morreu no hospital, pois não resistiu aos ferimentos. Segue um trecho da entrevista:

**Repórter:** *Onde a sua mãe estava indo?*

**Entrevistado:** *Ela estava saindo da casa de uma amiga antiga dela, aí segundo o que me contaram, dois camaradas vieram, um empurrou ela e o outro tentou pegar a bolsa dela só que ela não soltou e como ela era muito miudinha eles acabaram arrastando ela quase um quarteirão até ela soltar. Os caras deixaram ela lá agonizando.... e racharam fora.....*

**Repórter:** *Como você ficou sabendo do ocorrido?*

**Entrevistado:** *Eu estava no trabalho lá perto, no centro, aí levaram ela para o hospital e parece que acharam a identidade dela que estava no bolso e me ligaram do hospital que ela estava, falando que ela tava ferida e que era*

*para mim ir rápido para lá que o negócio estava feio... infelizmente... não deu....*

Pode-se também notar a empatia nesse trecho da entrevista do dia 14 de abril de 2006, feita por Laudívio Carvalho com uma mãe desesperada ao reconhecer o corpo do filho que foi executado por traficantes. A identificação com esse tipo de crime é grande, pois é algo que acontece quase diariamente nas grandes cidades e qualquer mãe ou família que tenha alguém envolvido com as drogas está sujeita a uma fatalidade dessas. Segue um trecho da entrevista:

**Repórter:** *A Sra sabia que o seu filho estava envolvido com o tráfico de drogas?*

**Entrevistada:** *Eu desconfiava que ele mexia com isso moço... ele era um rapaz trabalhador... (choro), me ajudava em casa depois que o pai dele abandonou a nossa família... mas, de uns tempos para cá ele tava estranho... saindo muito a noite... eu não sabia que era para mexer com isso....*

**Repórter:** *Como a Sra ficou sabendo?*

**Entrevistado:** *Eu só escutei o tiro.. eu tava lavando vasilha e eu achava que ele tava em casa... quando eu fui lá fora e vi ele no chão (choro)... eu não acreditei moço... quem matou o meu filho ? quem? (choro)...*

Pode-se perceber em todas as edições analisadas do programa *Itatiaia Patrulha* que sempre quando acontece algum crime autoridades civis ou militares são entrevistadas e não somente os suspeitos dos delitos. Wolf (1999) aborda que todos os lados da história têm que ser ouvidos, pois, no jornalismo, uma história pode ter várias versões. A relação de todos os repórteres com fontes civis e militares, de uma maneira geral, era de respeito e bastante harmoniosa, o que não dificultava a entrevista. Além da necessidade de entrevistar as autoridades responsáveis pelas possíveis soluções dos inúmeros casos trazidos pelo programa durante a semana, o ouvinte fica inteirado sobre o desenrolar da história e sobre a ação das corporações civil e militar.

## CONCLUSÃO

A partir desse trabalho, pode-se concluir que o principal foco do *Itatiaia Patrulha* é o interesse da notícia. Para uma notícia ir ao ar nesse programa é necessário, antes de tudo, que ela seja de interesse para o ouvinte e que não somente o informe. De acordo com o que relata Freud (1930), a questão do interesse está ligada a diversos fatores como a pulsão de morte, pelo trágico, sarcástico, pecado ou até mesmo pelo ridículo que é latente ao ser humano. O ideal, segundo Wolf (1999), é que se provoque uma certa curiosidade no ouvinte, levando-o a escutar o programa até o final, caso se queira saber mais detalhes sobre tal acontecimento. No programa, pode-se perceber que, por mais importante que seja a notícia, se a produção achar que ele não tem relevância suficiente para ir ao ar, ela não vai. Essa decisão é tomada nas reuniões de pauta que acontecem todos os dias pela manhã e à tarde.

Foi notado também que, no *Itatiaia Patrulha*, existem outros dois critérios para uma notícia ir ao ar que são o ineditismo, item que todos na redação precisam concordar para o acontecimento ser selecionado, e a questão da empatia, que segue os mesmos parâmetros do anterior. É óbvio que existem outros critérios de noticiabilidade, mas os mais usados no programa são estes. Isso não implica, necessariamente, que tais critérios estejam descartados, ao contrário, são usados também, dependendo do assunto tratado. De acordo com Wolf (1999), nem todos os critérios podem ser usados, porque é impossível para uma única notícia atender a todos os requisitos e é por isso que existe a ordem estabelecida dos mesmos.

Foi percebido durante o acompanhamento feito nos dias 17 e 18 de outubro que todo o trabalho é feito com muita ética e que os jornalistas procuram, ao máximo, checar a veracidade das informações para que não se veicule informações errôneas, além ouvir sempre os vários lados da história, uma vez que, no jornalismo, para um acontecimento, existem várias versões. A Rádio

Itatiaia tem uma grande credibilidade de seu público ouvinte e tal fato também se deve a uma exigência do veículo, sem mencionar também que o *Itatiaia Patrulha* é líder de audiência em seu horário e um programa de tradição. O fato de veicular uma informação que não foi devidamente apurada ou checada iria colocar abaixo a confiança de vários anos daquele ouvinte que escuta o programa desde a época em que foi ao ar pela primeira vez.

Pode ser constatado também que, no *Itatiaia Patrulha*, a questão do sensacionalismo também está presente, principalmente na entonação do apresentador do programa, Laudívio Carvalho, ao narrar as manchetes. Segundo Carvalho, não se faz um uso exagerado de sensacionalismo, pois foge à política empresarial implantada pela Rádio Itatiaia. De acordo com Angrimani (1994), no gênero policial, torna-se impossível não usar o mínimo de sensacionalismo, porque quase todo o noticiário está relacionado com a violência ou com crimes contra a vida e todas as pessoas podem ser vítimas de um assalto ou homicídio, independentemente de sua classe social. O sensacionalismo torna-se, então, segundo o autor, uma manifestação de indignação do jornalista que representa a sociedade indefesa perante as barbáries que acontecem todos os dias e em todos os lugares.

Pode ser percebido, durante o acompanhamento, que o *Itatiaia Patrulha* cria uma grande identificação com o ouvinte tanto na maneira de narrar um acontecimento de qualquer dimensão ou repercussão, quanto nas entrevistas dos repórteres. Todos os jornalistas envolvidos com as fontes as tratam com muito respeito e de forma bastante profissional, o que reafirma as análises de Wolf (1999) a respeito da relação jornalista-fonte, que deve ser o mais saudável possível, tendo em vista a necessidade do jornalista de se ter várias fontes disponíveis para uma melhor realização de seu trabalho.

Quanto à imparcialidade, torna-se impossível, em programa desse gênero, ser imparcial, pois as entrevistas, na maioria dos casos, são com suspeitos de crimes, vítimas e autoridades. É praticamente impossível para o repórter demonstrar-se imparcial perante um suspeito de um crime qualquer, por menos grave que seja o delito, reafirmando o que Traquina (1993) diz sobre a tentativa sem sucesso de o jornalista ser imparcial em sua profissão. No programa analisado, foi percebido que a imparcialidade do apresentador e dos repórteres não está muito presente, já que apesar de serem jornalistas, são todos seres humanos que amanhã podem ser vítimas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

COSTA, Maria Tereza P. da. **A justiça em ondas médias**: O programa Gil Gomes. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

FREUD, Sigmund. “O mal-estar da civilização”. In: FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LOPES, Maria V. Immacolata. **O rádio dos pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social**. São Paulo: Loyola. 1988.

PACHECO, Alex Rômulo. **Jornalismo Policial Responsável**, 2005.

PESSOA, Sônia Caldas. **Itatiaia Patrulha: as histórias da vida**, 2004.

RONDELLI, Elizabeth. “Imagens da violência e práticas discursivas” In: RONDELLI, Elizabeth et alli (Orgs). **Linguagens da Violência**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000, p. 144-160.

TRAQUINA, Nelson (Org.) **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6. ed. Lisboa: Presença, 1999.

**ANEXOS**

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA FEITO COM LAUDÍVIO CARVALHO**

### **1) O que pode ser considerado como pauta no Programa *Itatiaia Patrulha*?**

Assuntos policiais de um modo geral, bem como denúncias referentes à segurança pública. Toda e qualquer ocorrência policial que envolva assassinatos, brigas, assaltos, seqüestros, tráfico de drogas e outros. Em suma, assuntos de ordem policial.

### **2) Quem pode ser considerado como fonte?**

Autoridades civis e militares, representantes da justiça em geral, todos os suspeitos de cometer crimes de qualquer natureza bem como as vítimas dos delitos.

### **3) Como se dá a variedade das fontes?**

Isso varia de acordo com os assuntos tratados. Se tratarmos de um caso de um estupro, por exemplo, as fontes serão certamente a vítima, o acusado e uma autoridade civil ou militar responsável pelo caso.

### **4) Como se articula o discurso do programa?**

Existe, na verdade, uma interatividade clara com o ouvinte. A linguagem do programa é a mais clara possível para que todas as pessoas, independente da situação econômica possa entender a nossa mensagem.

### **5) Como as pautas chegam à redação?**

De várias maneiras: telefone, via e-mail, são retiradas também do *site* da polícia militar, denúncias os ouvintes.

### **6) São feitas reuniões de pauta?**

Sim. Para cada assunto há uma reunião de pauta. Geralmente nos agrupamos os assuntos mais importantes e fazemos uma reunião de pauta pela manhã e outra à tarde, diariamente.

### **7) Qual o caminho percorrido pela pauta?**

As pautas chegam e vão direto para a aprovação da coordenação de jornalismo. Em seguida, é feita uma reunião de pauta e depois do consenso de toda a redação, ela vai para as mãos dos repórteres.

**8) Quem é a pessoa responsável pela checagem da pauta e quantas vezes ela é checada?**

A coordenadora de jornalismo, Camila Campos. A pauta é checada quantas vezes forem necessárias. Tem que se apurar o máximo de informações antes do repórter sair para a rua.

**9) A internet pode ser considerada um tipo de fonte para o *Itatiaia Patrulha*?**

Sim, com certeza. Nós utilizamos *site* da polícia militar que é utilizado de hora em hora. Para que se faça uma apuração bem feita é necessário que se tenha a disponibilidade de várias ferramentas, senão o trabalho não fica digno de um bom jornalista.

**10) Como é transformar uma simples ocorrência policial em uma notícia que prenda o ouvinte?**

O maior desafio é esse. Todo dia temos que fazer isso. A forma de contar o caso é que conta muito, pois, não se tem notícias interessantes todos os dias e temos que prender o ouvinte simplesmente pela forma que contamos o acontecido.

## **ROTEIRO DA OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE FEITA NA REDAÇÃO DA RÁDIO ITATIAIA**

- Apuração das notícias
- Ritmo de trabalho na redação
- Funcionamento de todo o processo de edição
- Reuniões de pauta
- Critérios de noticiabilidade
- Seleção e apresentação das notícias